



## **VAI, E FAZ TU TAMBÉM DO MESMO MODO**

### **Em modo de filhos amados e de irmãos amados**

**1.** «Deus é amor» (1 João 4,8 e 16) e «amou-nos primeiro» (1 João 4,19), e «nós amamos, porque Deus nos amou primeiro» (1 João 4,19). Então, o amor que está aqui, o amor que está aí, o amor que há em mim, o amor que há em ti, o amor que há em nós, «vem de Deus» (1 João 4,7), e «quem ama nasceu de Deus» (1 João 4,7). Deus amou-nos primeiro, ama-nos primeiro e continua a amar-nos sempre primeiro com amor-perfeito, no tempo e modo perfeito, que cobre toda a nossa história humana, isto é, amor preveniente, concomitante, conseqüente, fiel, permanente (1 Tessalonicenses 1,4; Colossenses 3,12). Ama-nos a nós, que estamos aqui agora, e foi assim que nós começámos a amar. Se não tivéssemos sido amados primeiro, e não tivesse chegado à nossa mão o testemunho desse amor, não teríamos começado a amar, e nem sequer estaríamos aqui no lugar e modo de filhos amados de Deus, porque «quem não ama, permanece na morte» (1 João 3,14), sendo então a morte, não o termo da vida, mas aquilo que impede de amar, e, portanto, de nascer para a vida eterna (*zôê aiônios*). Lugar e modo de filhos amados de Deus, temos então de aprender a desenhar uma casa-Igreja que seja um espaço relacional novo, uma «casa de família, fraterna e acolhedora» (São João Paulo II, Exortação Apostólica *Catechesi tradendae* [1979], n.º 67), onde todos possamos ensaiar viver e conviver «em modo de filhos amados e de irmãos amados».

## Jesus Cristo, rosto humano de Deus e rosto divino do homem

2. Ao propormos hoje a caridade como modo de viver e de fazer no seio da nossa Igreja Diocesana de Lamego, em todas e em cada uma das suas 223 paróquias, começamos por fixar a nossa atenção nas palavras emocionadas e mobilizadoras que São João Paulo II deixou gravadas na sua Exortação Apostólica *Christifideles laici* [1988], n.º 34: «O homem é amado por Deus. Este é o mais simples e o mais comovente anúncio de que a Igreja é devedora ao Homem». Trata-se, portanto, como bem disse o Concílio (Decreto *ad Gentes*, n.º 2), de sabermos pôr a nossa vida em sintonia com a torrente que brota do «amor fontal» de Deus Pai, da «caridade de Deus Pai», que atravessa o Evangelho, sendo, portanto o anúncio do Evangelho «a primeira caridade» para o mundo, como realça São João Paulo II, agora na sua Carta Apostólica *Novo millennio ineunte* [2001], n.º 50, seguido pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* [2013], n.º 199. Dito isto, fica claro que é Jesus de Nazaré o Rosto da Palavra e do Amor de Deus (Bento XVI, Exortação Apostólica *Verbum Domini* [2010], n.º 12), e que, portanto, «A Igreja deve falar cada vez mais de Jesus Cristo, rosto humano de Deus e rosto divino do homem» (São João Paulo II, Exortação Apostólica *Ecclesia in America* [1999], n.º 67). E não apenas falar de Jesus, mas encontrar-se com Jesus, como refere, com preciosa precisão, o Papa Bento XVI, na sua Carta Encíclica *Deus caritas est* [2005], n.º 1, logo seguido pelo Papa Francisco, na *Evangelii gaudium*, n.º 7: «No início da vida cristã, não está uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com Jesus Cristo».

### O texto e a sua configuração

3. É com este vivo desejo de oferecer a todos e a cada um dos amados filhos de Deus da nossa Diocese de Lamego um verdadeiro encontro com Jesus Cristo, que com o seu rosto ou viso repetida e carinhosamente nos visita (cf. Lucas 1,68.78-79; 7,16: 19,44), que ofereço hoje a todos vós, amados irmãos e irmãs, para nos servir de guia de vida e de ícone para os olhos e o coração, uma das mais belas figuras da caridade, retratada por Jesus numa das suas mais belas e intensas histórias, que conhecemos como **O BOM SAMARITANO**, e que é necessário ler com docilidade e espírito aberto, prestando atenção ao texto e à sua configuração. Trata-se de Lucas 10,25-37:

«10,<sup>25</sup> E eis um doutor da lei (nomikós), que se levantou para lhe armar um laço (ekpeirázô), dizendo: “Mestre, o que (tí) fazendo (poiêsas) herdarei a vida eterna?”.<sup>26</sup> Ele, então, disse-lhe: “Na Lei, o que (tí) está escrito? Como (pôs) lêes?”.<sup>27</sup> Ele, então, respondendo, disse: “Amarás o Senhor, o teu Deus, com todo o teu coração, e com toda a tua alma, e com todas as tuas forças, e com toda a tua inteligência, e o teu próximo como a ti mesmo”.<sup>28</sup> Disse-lhe, então: “Respondeste bem; faz isso, e viverás”.<sup>29</sup> Ele, então, querendo justificar-se, disse para Jesus: “E quem é o meu próximo?”.<sup>30</sup> Respondendo, Jesus disse:

“UM HOMEM descia de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos ASSALTANTES que, depois de o roubarem e espancaram, se foram embora deixando-o meio-morto (*hêmithanê*). <sup>34</sup>Por coincidência, descia por aquela estrada UM SACERDOTE que, ao vê-lo (*idôn autón*), passou pelo lado oposto (*antiparêlthen*). <sup>32</sup>Do mesmo modo, também UM LEVITA, chegando ao lugar (*katà tòn tópon elthôn*), e vendo (*idôn*), passou pelo lado oposto (*antiparêlthen*). <sup>33</sup>Mas UM SAMARITANO, que ia de viagem, veio junto dele (*êlthen kat’ autón*), e vendo (*idôn*), foi tomado de misericórdia (*esplagchnísthê*). <sup>34</sup>E tendo-se aproximado (*proselthôn*), enfaixou as suas feridas derramando óleo e vinho, colocou-o sobre o seu jumento, levou-o para uma hospedaria (*pandocheïon = pês-déchomai*) e cuidou dele. <sup>35</sup>No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao HOSPEDEIRO (*pandocheús*) e disse: “Cuida tu dele, e o que gastares a mais, quando eu voltar, pagar-to-ei”.

<sup>36</sup>Destes três, quem te parece ter sido o próximo daquele que tinha caído nas mãos dos assaltantes?”. <sup>37</sup>Ele, então, disse: “O que fez misericórdia com ele”. Disse-lhe, então, Jesus: “Vai, e faz tu também do mesmo modo”» (Lucas 10,25-37).

O texto apresenta-se claramente desenhado em duas tonalidades: 1) a história ou parábola propriamente dita, contada por Jesus, cuidadosa e preciosamente guardada no centro do texto, nos versículos 30b-35, e que constitui, por assim dizer, o quadro central para o qual devem estar sempre voltados os nossos olhos e o nosso coração; 2) a moldura ou caixilho, que se estende ao redor do quadro, emoldurando-o, e que é composta pelos versículos de abertura (25-30a) e do fecho (36-37).

### Passar simplesmente ao lado

**4.** Fixando os olhos no quadro desenhado por Jesus bem diante dos nossos olhos, somos obrigados a ver aquele UM HOMEM assaltado, roubado, espancado e abandonado como um dejetivo à beira da estrada. Mas a narrativa não se demora aí. Corre rápida e vertiginosa como aquela estrada que vertiginosamente descia de Jerusalém para Jericó, serpenteando o *Wadi el-Kelt*, numa distância de 27 km e um declive de 1100 metros. Eis, portanto, já, no nosso ângulo de visão, um SACERDOTE que descia... Súbita desilusão. O narrador refere que o SACERDOTE bem viu o nosso homem, *mas passou pelo lado oposto (antiparêlthen)*. Evitou demoras, chatices, incômodos, impureza ritual. Eis já, no entanto, outra possibilidade: um LEVITA... A mesma desilusão. Também ele bem viu o nosso homem, *mas passou pelo lado oposto (antiparêlthen)*. Nas suas palavras serenas, mas cortantes, de dois gumes, como o bisturi da Palavra de Deus (cf. Hebreus 4,12; Apocalipse 1,16), o Pai Américo já nos advertiu, no seu tempo, que também nós, se não amarmos verdadeiramente os nossos irmãos, podemos ficar na história como aqueles que simplesmente passaram ao lado!

## Proximidade sem preconceitos

5. A narrativa atinge o seu auge. Eis já, no horizonte, um SAMARITANO, lídimo representante daquele «estúpido povo que habita em Siquém» (Ben-Sirá 50,26), mas que vai fazer tudo ao contrário dos dois anteriores, representantes credenciados da religiosidade fria, formal e oficial de Jerusalém. Agora sim, alenta-se a narrativa, para que possamos ver bem, ponto por ponto, e em contraponto, o **fazer** do SAMARITANO. Anotemos então: (1) veio até junto dele, (2) viu-o, (3) foi tomado de misericórdia, (4) aproximou-se, (5) enfaixou as suas feridas, (6) derramou óleo e vinho, (7) colocou-o no seu jumento, (8) levou-o para uma hospedaria, (9) cuidou dele, (10) deu dois denários ao hospedeiro, (11) e disse-lhe: «Cuida tu dele».

6. Postas diante dos nossos olhos as diferentes figuras e respetivos gestos ou trejeitos, é forçoso que nos apercebamos logo da principal diferença que habita o seu modo de *fazer*. O SACERDOTE e o LEVITA bem veem, começam mesmo por ver o HOMEM meio-morto descartado na valeta. E é mesmo por o verem, que optam por se distanciar dele, passando pelo lado oposto da estrada, isto é, pela outra valeta. Eles bem veem, mas não veem bem, estão eivados de preconceitos. E o que verdadeiramente os move são os seus preconceitos. De forma aguda e penetrante, acertadamente diz a sabedoria oriental que três quartos do que vemos está atrás dos nossos olhos! É a presença da trave na nossa vista, apontada por Jesus no Evangelho, e que não nos deixa ver bem (cf. Mateus 7,3-5). É preciso reparar com mais atenção nos movimentos do SAMARITANO. Começa por vir até junto do Homem meio-morto (1), e só agora é que vê (2), e é movido pela misericórdia (3), e aproxima-se ainda mais até lhe tocar (4). Nenhum preconceito guia o *fazer* deste Samaritano. Não vê à distância, de forma egocêntrica e enviesada, através do filtro dos seus preconceitos. Vem junto daquele homem, aproxima-se dele, e só agora, de bem perto, é que vê bem, e é levado a *fazer misericórdia*, que é o que a Palavra de Deus manda *fazer* sempre já, ainda antes de pensar e de deixar vir à mente qualquer desculpa ou preconceito. É ainda belo ver que este samaritano é um *cuidador*, no sentido moderno da palavra. E que passa nas nossas estradas, como quem está de *visita* boa e bela, e que nos implica neste belo trabalho do amor [= «*Cuida tu dele!*»]. Todo o *fazer* do samaritano tem o sabor do excesso e da maravilha. A sua história termina assim: «Quando eu voltar, pagar-te-ei». Mas esta é, como sabemos, a assinatura de Deus, como se pode ver nas parábolas do Reino (cf. Mateus 24,15 e 19). E o tempo e os irmãos que nos deixa nas mãos são a graça da missão que nos confia.

7. É impressionante notar que o narrador tenha necessitado de pouco mais de cem palavras, ao todo 106, incluindo artigos e partículas gramaticais (cf. Lucas 10,30b-35), para criar o quadro inesquecível que acabámos de apreciar. Penso que, neste momento, nesta curva da estrada, amados irmãos e irmãs, já todos percebemos que esta história contada por Jesus, este quadro divino, não pode mais sair dos nossos olhos e do nosso coração! É claro, além disso, que nos deixa nas mãos um braçado de trabalhos: 1) nenhum preconceito, ainda que possa ser por nós considerado uma boa desculpa, pode distanciar-nos dos nossos irmãos; 2) o olhar do nosso coração não pode estar barrado por nenhuma espécie de trave; 3) a misericórdia é para *fazer* já, sem qualquer demora ou justificação, por mais civilizada que nos pareça; 4) somos *cuidadores*, e temos a

missão de provocar outros a sê-lo também; 5) estamos conscientes da missão que nos foi confiada, e que devemos realizar desde agora até que o Senhor venha («quando Eu voltar»).

## Tudo à minha volta

8. Mas também é necessário passarmos os olhos pela moldura ou caixilho do quadro. Aí, o interlocutor de Jesus sou eu, que visto a pele de DOUTOR DA LEI (*nomikós*), autossuficiente, autorreferencial, centrado (ou sentado) em mim mesmo. Vê-se isto tão bem, é tudo tão claro, que até se vê que desenhei um círculo à minha volta, para que ninguém, exceto aqueles a quem eu o consentir, ouse entrar no meu mundo e perturbar o meu sacrossanto sossego. Na verdade, eu também sou muitas vezes como o doutor da lei centrado em si mesmo, que agora se levanta, não por respeito a Jesus, mas para sorratamente pôr Jesus à prova, isto é, para lhe *armar um laço* (e aí está outra vez o círculo fatal), como diz o verbo grego *ekpeirázô*. E o facto de perguntar depois explicitamente: «Quem é o meu próximo?», supõe já a pergunta implícita: «Quem não é o meu próximo?», e aí estou eu outra vez a traçar um círculo mais ou menos fechado ou mais ou menos aberto à minha volta. Sempre à minha volta, porque eu continuo a pensar que sou o centro do mundo!

## A leitura divina da Escritura

9. Ao levantar-se para interrogar Jesus, o doutor da lei é logo apresentado, não com um olhar puro, mas embotado e enviesado. A pergunta é bela e boa, mas a intenção com que o doutor a formula está cheia de má-fé. Ele quer *saber o que fazer* para *herdar a vida eterna*. Entenda-se: ele quer saber *o que fazer* para se vir a tornar filho de Deus, filiação divina (*hyiothesía*) por graça recebida (Romanos 8,15-16; Gálatas 4,5; Ef 1,5), herança recebida e a receber (cf. Romanos 8,17; Gálatas 4,7). Mas o seu tom de voz e o seu olhar malicioso são gestos iguais aos do tentador, que também faz perguntas para *tentar* (*ekpeirázô*) Jesus (cf. Mateus 4,1.3). Jesus percebe a armadilha do doutor, e fá-lo cair nela, pois obriga o doutor a responder à sua própria pergunta, perguntando-lhe, por sua vez: «O que (*tí*) está escrito (*gégraptai*: perf. pass. de *gráphô*)? Como (*pôs*) lê?» «O que está escrito» implica o dedo de Deus. Portanto, a Escritura Santa. O «como lê?» implica que a Escritura deixe de ser um mecanismo preguiçoso, e entre, como uma avalanche, nos ouvidos e no coração do doutor, e os limpe (João 15,3). Não basta saber que existe a Escritura Santa, e acomodá-la na estante. É preciso lê-la, amá-la, saboreá-la. Só assim, a Escritura se faz Palavra viva e eficaz e nos dá a vida nova de Deus, concedendo-nos mesmo indulgência parcial ou plenária (Bento XVI, *Verbum Domini*, n.os 86-87). Afinal, ele sabia responder, e respondeu: «Amarás a Deus [...] e ao teu próximo», citando, numa bela *harizah*, Deuteronomio 6,5 e Levítico 19,18. Jesus confirma que respondeu bem, e acrescentou: «Faz isso, e viverás», talvez citando o Levítico 18,5. Ficou envergonhado o doutor, pois teve de se ver apanhado na armadilha que ele próprio montou! Portanto, o doutor continua a ver-se dentro de um círculo. Mas este, em que agora está metido, não foi ele que o traçou. Foi Jesus que o ensarilhou. Por isso, para tentar uma saída airosa para o embaraço em que ele próprio se meteu, como

que para se justificar a si mesmo (*dikaióô heautón*) (cf. Lucas 10,29), o doutor põe agora a Jesus uma questão académica, de discussão interminável entre especialistas nas escolas e na sinagoga, em que todas as posições eram possíveis. Portanto, é ainda à sua volta que o doutor continua a ver o mundo. «E quem é o meu próximo?», é a questão. As respostas são tantas quantas as pessoas envolvidas no plano inclinado da escorregadia discussão. Na verdade, como se vê, tratar-se-ia sempre de cada interveniente poder traçar um círculo mais ou menos fechado ou mais ou menos aberto à sua volta.

## Da escola para o caminho, do saber para o fazer

**10.** É muito significativo que Jesus, com o recurso à parábola, tenha sabido e querido deslocar para a estrada, para o caminho, para a praça pública, as questões que eram habitualmente discutidas nas escolas ou na sinagoga entre especialistas. E assim, desde o princípio, tudo, no texto, se joga sobre o *fazer*, e não sobre o *saber*, como seria de esperar na mente do doutor. E é assim que o doutor da lei, que abre o diálogo com Jesus (Lucas 10,25), foi pedagogicamente conduzido por Jesus a saber talvez mais do que queria *fazer*, e talvez menos do que queria *saber*. A história que Jesus conta ao doutor, e que já apreciámos no quadro central, não deixa escapatória. No final da história, Jesus pergunta ao doutor, olhos nos olhos: «Destes três, quem te parece ter sido o *próximo* daquele que tinha caído nas mãos dos assaltantes?» (Lucas 10,36). Ao ver-se dentro da realidade, e fora da possibilidade de qualquer discussão académica, o doutor teve de responder de forma frontal e direta: «O que *fez misericórdia* com ele» (Lucas 10,37a). E aí está então a estocada final de Jesus no doutor cheio de preconceitos: «Vai, e *faz* tu também do mesmo modo» (Lucas 10,37b).

**11.** Aí está então, aberta diante de nós, amados irmãos e irmãs, a avenida do amor e da caridade. É este o tempo da graça que Deus, que é amor e nos ama, nos concede para rompermos todos os círculos mais ou menos fechados, mais ou menos abertos, que fomos traçando à nossa volta, para excluirmos, com diplomacia, os nossos irmãos. Este ano dedicado à prática da caridade é também o tempo oportuno para nos desfazermos de todos os preconceitos que têm barrado o acesso afetuoso aos nossos irmãos doridos ou já «em coma», descartados e abandonados à beira da estrada, ou talvez mesmo à beira da nossa casa (cf. Lucas 16,20), e que nós já nos habituámos a não ver por causa das traves que se apoderaram do nosso olhar, e o embaciam. Por vezes, parece mesmo que andamos com uma certa esquadria nos olhos, no coração e nas entranhas, uma espécie de anestesia que nos esvazia de humanidade e de divindade, e esquecemo-nos que somos seres humanos, frágeis e de existência breve, teus servos, filhos da tua serva (cf. Sl 116,16). Habitados pela cultura da indiferença e insensibilidade que atravessa a nossa sociedade, por vezes já nem nos apercebemos que as pessoas são carne e osso, e doem. Verdadeiramente, nesta sociedade adormecida, não é o cogito que está «em coma», como diria Émmanuel Levinas. É o ser humano que está «em coma».

**12.** Caríssimos irmãos e irmãs, é preciso, portanto, uma nova cultura, em que o ser humano, desde a sua conceção até à sua morte, não seja considerado uma coisa,

mais uma coisa e muito menos uma coisa a mais, mas um ser humano, único e irrepetível, filho amado de Deus e meu irmão querido, que me pede, e a quem eu devo, todo o meu afeto e dedicação. Para que seja grande e intensa esta torrente de amor, convoco todos os diocesanos da nossa Diocese de Lamego: sacerdotes, diáconos, consagrados, consagradas, fiéis leigos, pais, mães, avôs, avós, famílias, jovens, crianças, catequistas, acólitos, leitores, agentes envolvidos na pastoral, membros dos movimentos de Apostolado, Centros Sociais Paroquiais, Misericórdias, e todas as pessoas e instituições envolvidas no «trabalho do amor» (1 Tessalonicenses 1,3). A todos peço a graça de promoverem mais alegria, mais caridade, mais fraternidade. A todos peço a dádiva de uma mão de mais amor a todos os irmãos e irmãs que experimentam dificuldades e tristezas, dores, doenças, solidão, luto e cansaço. A todos peço que experimentemos a alegria de sairmos mais de nós ao encontro de todos, para juntos celebrarmos o grande amor que Deus tem por nós e sentirmos a alegria da sua misericórdia infinita. Que cada um de nós sinta como sua primeira riqueza e dignidade a de ser filho de Deus com muitos irmãos à sua volta. E para todos imploro de Deus a sua bênção, e de Maria, nossa Mãe, a sua proteção carinhosa e maternal.

## Decálogo da Caridade

**13.** Anexo a esta Carta Pastoral o «Decálogo da Caridade», que retiro, com gratidão, das últimas páginas do livrinho de D. Bruno Forte, Arcebispo de Chieti-Vasto (Itália), intitulado *Piccola introduzione alla Carità*, Cinisello Balsamo, San Paolo, 2017. Do final do mesmo livrinho retiro também, sempre com gratidão, a oração que encerra esta Carta Pastoral, e nos pode ajudar a viver, saborear e fazer a caridade.

**1. A escolha dos pobres.** O II Concílio do Vaticano, com a atenção que prestou à «Igreja dos pobres», levou à descoberta do pobre em toda a sua dignidade de pessoa humana, que há que promover e servir. Cristo, que revelou o homem ao homem (*Gaudium et spes*, n.º 22), quis ser pobre e faz-se presente nos pobres que nos chama a amar, vivendo este empenhamento como escolha prioritária de cada um e de toda a Igreja (Cf. Mateus 25,31-46).

**2. A escolha da pobreza.** Pôr-se ao serviço dos pobres implica a partilha da sua vida, «estar com eles» antes mesma de «ser para eles». Daqui nasce a exigência de uma Igreja pobre e serva dos pobres, sem pompa e liberta das seduções da riqueza e do poder. Uma Igreja em estado de permanente reforma («semper renovanda», «semper reformanda», como pede o Concílio), cujos filhos, escolham, a todos os níveis, como estilo de vida a sobriedade, a simplicidade, a humildade e a companhia dos últimos, nas suas necessidades e sofrimentos.

**3. A Igreja da caridade.** Igreja dos pobres, chamada a ser também ela pobre, a Igreja reconhece na caridade feita serviço a razão das suas escolhas fundamentais e a prova da sua pertença a Cristo. Diz-me como vives a caridade para com o pobre, e eu dir-te-ei que Igreja és! A caridade é constitutiva do ser eclesial e é necessário exprimir-se quer na comunhão entre os batizados, a todos os níveis, quer nas formas mais diversas de serviço ao próximo.

**4. O pobre, sujeito eclesial.** Os pobres não devem ser considerados apenas como destinatários privilegiados da ação caritativa da Igreja, mas também como sujeitos eclesiais, primeiros protagonistas do seu agir de seres humanos e de cristãos. Dê-se, pois, atenção aos pobres, aos pequeninos, aos frágeis, aos jovens, aos velhinhos, às famílias em dificuldade, a todos os níveis de participação na vida eclesial.

**5. O primado da caridade na vida da Igreja.** É necessário viver o primado da caridade na Igreja, desde a paróquia, à zona pastoral, ao arceprelado, à diocese, em todas as expressões da sua vida. Compreende-se a esta luz a missão pedagógica da comunidade cristã, chamada a formar todos os batizados na tarefa caritativa como própria e característica do ser cristão, na escuta da Palavra de Deus e na força que irrompe dos sacramentos da fé.

**6. As obras-sinal.** As obras-sinal, levadas a cabo particularmente pela Caritas paroquial, da zona pastoral, arceprelado ou diocesana, ou em colaboração com ela, na sua criação como na sua atividade ordinária, sejam expressão da ação voluntária, com a colaboração mais alargada possível de todos os batizados e de todos os homens e mulheres de boa vontade. Considerem-se e sejam postos em contato com aquele estímulo de sensibilização para os desafios da pobreza e escola de educação para o voluntariado, que deve ser descoberto como valor intrínseco da vida cristã e de todos aqueles que se queiram realizar como pessoas segundo o desígnio de Deus. A atenção às linguagens e aos meios de comunicação para transmitir esta mensagem revela-se decisiva.

**7. O acolhimento.** Os «centros de escuta», tanto a nível diocesano, como nas zonas pastorais, arceprelados, e nas paróquias em que existam, sejam efetivos lugares de acolhimento, de escuta, de acompanhamento das pessoas em dificuldade, no pleno respeito da sua dignidade, com a finalidade de conhecer e realizar o projeto que Deus, no seu amor, tem para cada pessoa, permitindo-lhe integrar-se plenamente na vida da comunidade.

**8. Os presbíteros e a caridade.** Enquanto ministros da unidade da Igreja, os presbíteros, sobretudo os párocos, deem privilegiada atenção à Caritas como sujeito pastoral, decisivo para a formação da comunidade e de cada um dos batizados na caridade. É importante que eles reconheçam como dever que deriva da sua própria identidade e missão, o empenho em promover, sustentar e fazer conhecer a Caritas, em todas as vertentes da sua ação.

**9. Os diáconos, os religiosos e a caridade.** Quem foi chamado ao diaconado, lembre-se que, desde as origens, a Igreja confiou aos diáconos o serviço das mesas, expressão e símbolo do exercício assíduo e perseverante da caridade, e se empenhe a seguir e sustentar todas as atividades inspiradas pela caridade. O mesmo se diga dos religiosos e religiosas, chamados a imitar Cristo na pobreza, e a amá-lo servindo de modo particular os pobres.



**10. Os batizados e a caridade.** Toda a Igreja é chamada a anunciar o Evangelho todo a toda a pessoa humana, a cada pessoa humana. Este anúncio é inseparável do empenho caritativo de cada batizado. Sinta-se cada um chamado a colaborar nas iniciativas da caridade na medida das suas capacidades e possibilidades. O mesmo façam todas as associações e movimentos eclesiais. É também deste modo que se responde ao convite de Jesus: «Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto, todos saberão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (João 13,34-35).

Deus, Pai de misericórdia,  
que revelaste o teu amor infinito  
no teu Filho, Jesus Cristo,  
feito homem por amor de nós,  
dá-nos a graça de experimentar o teu amor,  
tão profundamente  
que nos venhamos a tornar nós próprios  
testemunhas e operadores de caridade  
para todos aqueles a quem nos envias,  
e que nos confias.  
E que Maria, Mãe do mais puro e belo Amor,  
interceda por nós,  
para nos ajudar a viver a caridade  
com fé e coração generoso  
em cada escolha e em cada tempo  
da nossa vida,  
dóceis à ação do Espírito,  
sopro do eterno Amor.  
Ámen!

Lamego, 30 de setembro de 2017,  
*Memória de São Jerónimo, Presbítero e Doutor da Igreja*

+ António, vosso bispo e irmão